

# Comunismo Autoritário e Comunismo Libertário

Max Nettlau

# Conteúdo

<b>Comunismo Autoritário e Comunismo Libertário</b>	<b>3</b>
Capítulo I	4
Capítulo II	9
Capítulo III	15
<b>Depois de seis anos de revolução autoritária</b>	<b>18</b>
Capítulo I	19
Capítulo II	22

# **Comunismo Autoritário e Comunismo Libertário**

# Capítulo I

Tratar da *“origem e evolução dos dois comunismos, o libertário e o autoritário, apontando as diferenças fundamentais que os separam”* é certamente um tema interessante que me foi proposto e que desenvolverei com prazer, sem carregar bastante testemunhos e documentos que inevitavelmente transformam os artigos em ensaios e ensaios em livros.

Os dois termos, comunismo autoritário e comunismo libertário, expressam para nós libertários, duas correntes, a estática e a anarquista, mas essa maneira de falar é puramente convencional, isto é, corresponde às nossas intenções. **Se por comunismo se entende a comunidade de bens, implicando a acessibilidade para todos, e qualquer autoridade não faria nada além de limitar ou frustrar esse acesso comum. Se entende por comunismo: “de cada qual suas capacidades, cada qual segundo suas necessidades”, isto também requer o máximo de liberdade na produção e no consumo e a autoridade só destruirá essa liberdade.** Em consequência o comunismo autoritário é uma contradição e o comunismo libertário é uma tautologia. Os dois termos também têm um caráter claramente controverso, aceitável apenas para os apoiantes do segundo; é como se fosse dito: o verdadeiro e o falso ou o bom e o mal comunismo, para ninguém – além dos fanáticos da autoridade, antigos e modernos, que, apesar de tudo, não têm interesse em nenhum tipo de comunismo – admitem que seu próprio comunismo não é de forma “livre”.

Seja qual for o grau de lógica intrínseca desses dois termos, eles resumem admiravelmente a incerteza que nos impõe sobre todos nós, na evolução mundial do futuro, em que todos – exceto pelos fanáticos acima mencionados que tem pensamento de troglodita, espécimes puramente patológicos de uma humanidade enrugada e retrógrada – creem enxergar uma marcha em direção a uma maior liberdade e uma sociabilidade melhor desenvolvida, mas, onde a confiança, as vontades, os desejos, a amplitude das concepções etc., são tão diferentemente distribuídos entre os homens, diferenciados também por outros conceitos que nunca chegam a uma verdadeira unidade do pensamento e da vontade humana.

Foi possível agrupar minorias em partidos e influenciar a maioria, significa que em todos os tempos da história foi criado esse chamado consentimento geral, a opinião pública, mas sabemos que o isolamento intelectual dos homens não pode submergir seriamente e profundamente suas diferentes disposições pessoais.

Esta é a razão pela qual sempre apenas as mudanças decorativas, leves e parciais são produzidas pelas chamadas vontades coletivas, seja pelos parlamentos, organizações ou revoluções. Raramente uma vontade geral poderosa é criada para um propósito mais alto, radical e persistente, e não importa o quanto você olhe na história, dificilmente encontrará mais alguma coisa, impulsos transitórios, breves momentos de entusiasmo, vendo como esses jorros são de repente afrouxadas como a causa mais linda está de novo nas mãos de alguns que já eram fiéis antecipadamente, como as revoluções caem no poder desses homens constantes, devotos da primeira hora, que, isolados e dizimados sucumbem como vítimas, ou como essas revoluções se tornam presas de novos mestres que se aproveitam da renúncia e fadiga das massas para continuar a oprimi-las e explorá-las.

Essa diferenciação de homens é em si mesmo um grande progresso em direção à liberdade, já que os emancipou do estado gregário próprio dos animais menos desenvolvidos. Por esta razão, a ação coletiva reflexiva, verdadeiramente desejada e bem compreendida, só pode surgir no final de um novo desenvolvimento futuro da associação espontânea de vontades bem harmonizadas, enquanto nos nossos dias, quanto mais coletiva é uma ação, muito menos avançado, progressivo e inteligente geralmente é quase sempre, exceto por vários momentos de inicialização geral e generosidade. Como poderia acontecer de outra forma, como tais, peças de integração diferentes poderiam dar resultados idênticos? A partir de sua cooperação, como as das chaves de um piano, um acorde harmonioso, um impulso comum, pode resultar, mas um momento depois, as teclas do piano observam apenas seu próprio som, a corda não vibra neles, e o mesmo acontece com homens quando o afrouxamento individual segue o começo mais

coletivo. É então o progresso coletivo onde é possível aperfeiçoá-lo – e é necessário trabalhar sempre para este propósito – e o progresso individual e individualizado, que deve interessar e ocupar aqueles que, subindo acima da rotina indiferença e fatalismo do maior parte dos homens quer trabalhar pelo bem da humanidade.

Mas os espíritos dos homens são simplistas ou mais ou menos complicados e seus conhecimentos e experiências são diferentes, vivem em diferentes épocas, países e ambientes, seus sentimentos e paixões diferem igualmente; Além disso, eles são jovens de idade madura ou antiga, adicionar aos seus talentos valores morais muito variados, etc., e é em tais condições que ao longo da história foram e ainda são ideias formuladas sobre um futuro livre e feliz. Como podemos esperar deles resultados claros, precisos e definitivos, como saber sobre suas diferenças, como não ser indulgentes com seus defeitos, que tantas causas preliminares tornaram inevitáveis, e como se apressar mais cegamente em um desses sistemas, desprezar muitas vezes todos os outros já se envolvem em uma controvérsia, se não uma guerra, incessante?

No entanto, tais são os costumes da maioria dos homens e não sem causa natural; Do amor se passa a predileção, à proteção, à defesa, ao ataque e quanto mais se ama, mais alguém se odeia e, portanto, raramente há sentimentos de paz e tolerância entre aqueles que desejam criar paz e harmonia universais. Cooperando por um bem comum – como os cientistas fazem hoje, que, com exceções, abandonaram o tom áspero e amargo que caracteriza os sábios dos séculos passados em suas relações – é algo que ainda não foi adotado pelos socialistas das várias tendências, e nossa literatura mostra uma semelhança fatal com as brigas dos teólogos eruditos, filósofos e pedagogos dos séculos XVI e XVIII. É muito irritante que este fenômeno psicológico atávico coincida com um tempo como estes últimos cem anos em que os homens se superaram produzindo grandes coisas na ciência pura e na ciência aplicada, na técnica e no trabalho, na organização da cooperação técnica, no pensamento livre, na arte, na moral, etcétera. Estes cem anos também viram a aparição das magníficas concepções sociais de Fourier e Owen, Proudhon, Bakunin, Reclus e Kropotkin e muitos outros. Marx inclusive, mas os homens que conceberam e abraçaram essas ideias raramente se desprendem das paixões e da falta de harmonia e equilíbrio que muitas vezes determinam e fluem uma especialização muito grande, mesmo que isso envolva uma melhoria deslumbrante em um domínio, a abundância que geralmente quase sempre deixam vazio em outro lugar. E os discípulos, adeptos, sectários mais ou menos distantes, conheceram e queriam ainda menos achar esse equilíbrio, e isso os afastou da massa de homens que veem neles os crentes um fervor que os mortais comuns podem respeitar, mas do qual ele se julga incapaz e não tenta imitá-lo, ele não o aceita por si mesmo.

Assim como na presença de um monge, a maioria dos próprios crentes encolhem os ombros e tem muito cuidado de imitá-lo, o socialista abnegado, o anarquista martirizado é algo estranho para os homens que reconhecem não ter o espírito dos mártires e não eles se sentem capazes de um fervor extraordinário.

Tais causas e outros como eles sempre separaram os verdadeiros socialistas da massa do povo, e assim como os conventos foram preenchidos com noviços em todos os momentos, então jovens adeptos, escolhidos e isolados, vieram ao socialismo, mas a grande massa contínua a ser estranha a ele, assim como, nos longos séculos em que a religião era verdadeiramente real e tangível para a imaginação ignorante de quase todos os homens, a imensa maioria deles não seguiu apesar de tudo a maneira direta e quase exclusiva para o paraíso que, na crença popular, garantiu-lhes a vida piedosa dos eremitas e dos monges. Este deixou os socialistas o paraíso terrestre do futuro, como antes deixará o paraíso celestial aos especialistas da vida piedosa. É necessário ter tais disposições psicológicas que é inútil ignorar ou depreciar. Os socialistas de todas as tendências não conseguiram encontrar o verdadeiro tom de falar com as pessoas, não sabiam como fazer em conjunto as suas disposições e as das massas, nas quais o descontentamento e a rebelião, a inércia, a insegurança e a desconfiança criaram um espírito complicado, Mare Magnum que nenhum revolucionário criativo ainda conheceu para colocar uma fervura decisiva, precisa e duradoura; eles ainda não conseguiram raciocinar essas duas disposições, a deles e as das massas, em acordo harmonioso e potente, que, como sinal de ressonância, replica o réquiem do sistema de opressão e exploração. Houve alguns instantes, algumas horas, dias e semanas em que as vibrações dessa grande corda começaram a ser ouvidas em fevereiro e junho de 1848, em março de 1871 em datas diferentes de 1917 na Rússia e por aqui ou ali, em episódios locais de menor duração, mas isso tem sido

tudo até hoje. Por outro lado, em ruídos dissonantes, em tons falsos sem espetáculos, há um pandemônio crescente.

Esta separação das massas e dos homens de qualquer especialização é um fato que aconteceu durante o curso da evolução histórica. Não podiam existir nos tempos primitivos, quando não havia especialistas. Tornou-se muito acentuado no campo intelectual, uma vez que as castas dos sacerdotes e dos governantes estabeleceram seu monopólio, estabelecendo-o no pilar fatal das castas militares burocráticas. Desenvolveu-se mais devagar no campo das artes e ofícios, mas também foi determinado pelo luxo dos proprietários. Este sistema baseou-se na frugalidade e na ignorância das massas exploradas e dominadas e necessariamente, quando a ciência poderia, no entanto, desenvolver-se útil com suas aplicações às classes possuidoras –, as massas não conseguiram tirar proveito direto do seu progresso e ainda estão separadas dele, como por outro lado, os próprios sábios estão habitualmente encerrados em uma única ciência (já em benefício de seu trabalho em certos casos, já por sua desvantagem em outros) e geralmente ignoram todas as experiências que as pessoas adquirem com seu trabalho e, em geral, com sua luta contra a vida inclemente. Mais tarde, uma nova evolução histórica aproximará as pessoas e os sábios e fará uma lista limpa de especialistas em crenças ranças, abate militar, imbróglie burocrático, luxo insípido, etc.

Assim, em nosso tempo, o velho, o infinitamente antigo e o desconhecido do futuro, previsto, vislumbrado, assumido por uma ferramenta intelectual tão diversa, necessariamente vista de mil maneiras diferentes, chocam um com o outro diante da perfeição científica ao longo do dia a dia mais crescente, que coloca todos os recursos e riquezas do mundo ao serviço dos proprietários e diretores de um aparelho produtivo e distributivo cada vez mais aperfeiçoado. Isso pique e acentua nos potentados o desejo de desfrutar de poder e riqueza cada vez maiores e certezas de sua aliança com os poderes escuros do passado, fazendo com que a mídia vertiginosa ressuscite os meios dominantes das idades pretas, superstição e tirania, perseguição violenta e brutalidades diabólicas. As massas, oprimidas e aterrorizadas como nunca, descontentes sem dúvida, mas sempre em grande parte inertes, acessíveis a estimulantes e adulações (esportes, patriotismo) nunca foram tão desconfiadas quanto agora aos diferentes socialismos, o autoritário e o libertário, que eles não os tocam mais do que indiretamente, atraindo alguns e deixando quase todos os outros impermeáveis. O sindicalismo também é para alguns apenas um método e propósito bem compreendidos, e para as massas – ali onde não há mais rivais moderados que, então, atraem a maioria – é um meio de organização como qualquer outro que não sabe como direcioná-los para lutas e conquistas sérias. Nessas condições, tão rapidamente e incompletamente esboçadas aqui e ao lado de tantas outras ocasiões e tendências que ocuparam e muitas vezes absorvem a atenção popular, foram elaboradas, durante um século e meio, as diferentes nuances socialistas, algumas das quais se espalharam e outros foram extinguidos ou modificados. Digo cento e cinquenta anos porque, apesar de eventos similares nos séculos anteriores, desde a declaração da independência dos Estados Unidos em 1776, o mundo viu que a vontade dos homens poderia, se eles realmente quisessem mudar um estado de coisas estabelecidas e declaradas intangíveis, sagradas, permanentes. A partir desse momento, sempre quis agir, eles proclamam as intangibilidades seculares, sendo também seculares, foram abertamente reconhecidos como utópicos da imoralidade, uma espécie de homem comum e poderoso, mas considerados como uma série de fósseis bons para serem aterrorizados, os balões inchados, no entanto, devem ser deflacionados e a história desses cento e cinquenta anos é, mais ou menos, a de funeral e deflação, às vezes um trabalho muito difícil que não deixou tempo ou forças para limpar completamente o chão e para bases de uma nova sociedade. Muitas camadas espessas de acumulações seculares tiveram que ser eliminadas para que um trabalho criativo pudesse ter começado novamente e visto de longe nos nossos dias pode ser afirmado – pelo menos eu – eu não acho que esse trabalho de simples libertação, democratização, laicização, educação etc., absorveu um grande número de forças, que falharam no socialismo e poderiam ter lhe dado uma direção mais experiente, mais prática do que a dos teóricos, economistas, filósofos, moralistas, rebeldes apaixonados, homens das pessoas e outros que eles cuidaram disso, eles conseguiram dar-lhe até agora, além de seus escritos, seus discursos, seus votos ardentes e frequentemente em sua própria vida e seus sacrifícios pessoais.

Esses homens, liberais e radicais de todas as sombras não eram simplesmente instrumentos dos capitalistas para criar o poder político burguês. Eles foram desde o início lutadores, que finalmente conseguiram quebrar os poderes e potências feudais e eclesiais que datam da antiguidade e da Idade Média e

que foram uma extensão do despotismo oriental e até pré-histórico. Se naquela época, o da Revolução Francesa, o povo, os trabalhadores e os camponeses, haviam lutado tão decisivamente pelos seus próprios direitos como os democratas burgueses para a sua emancipação, a superfície do globo seria hoje alterada, o sistema de maquinismo (sistema de fabricação), então seus começos, não teriam semeado a ruína física entre os trabalhadores que, incapazes de lutar pelo futuro, eram reduzidos, nesse período, a uma defensiva no presente para salvaguardar pelo menos um pouco de sua existência física. Mas as pessoas dormiam mesmo nos tempos da Revolução Francesa e seus elementos despertos só se tornaram um braço da revolução política burguesa enquanto os camponeses não sabiam como se salvar e se emanciparem da servidão mais do que na pequena propriedade parcelada, na propriedade individual e intensiva e não em associação, solidariedade, terra para todos.

Então, nesse momento decisivo em que o antigo regime entrou em colapso e em que, também na política como na economia social poderia ter criado verdadeiramente um novo regime igualitário e solidarista, nada foi feito como consequência do fatal absoluto de um esforço socialista consciente. Se algumas vozes aumentassem, então, na França, em comparação com o imenso número de vozes políticas e reformistas, eles eram tão infinitamente poucos que não significavam nada, e a palavra de William Godwin nos primeiros meses de 1793, quando em Londres, produziu os princípios socialista e até mesmo anarquista, desse período, não era ouvido na França.

O socialismo estava ausente dos conselhos da Revolução Francesa, embora todo o mundo novo já tivesse lido Morelly e Malby, e embora a força do dinheiro, a especulação e o acúmulo de terras, provisões, ouro, provisões públicas, etc., Eles eram uma ferida aberta constante, apontada e lutada em vão com cataplasmas ineficazes. Quando o impulso da revolução já estava quebrado e os espíritos mais ardentes haviam sido sacrificados ou eles estavam exaustos ou desiludidos, o socialismo ergueu a voz através de Babeuf e Buonarroti, que não encontraram mais aliados do que um pequeno punho de radicais, enquanto eles estavam diante deles e encontraram um novo Estado burguês que os esmagou e que, por sua vez, foi pego pelo golpe fascista de 18 de Brumário e o primeiro Mussolini desde a época dos Borgias. Se o Mussolini do nosso tempo não conseguiu estabelecer o seu “Terza Roma”, Napoleão criou uma nova Roma falsa, um poder continental verdadeiramente imenso que provou, melhor ainda do que a guerra da independência americana, que até certo ponto, que reinos mais antigos e a realeza são muitas vezes instáveis. A Inglaterra, favorecida desta vez por sua posição – que causou a grande distância, a fez perder a América do Norte – sabia como tirar proveito de tal situação, desenvolvendo seu maquinismo, avançando para o continente, fundando monopólios sérios, acumulando grandes fortunas e tendo igualmente em cheque para as massas trabalhadoras tão desapontadas e excitadas como eram então, através do sofrimento físico que lhes impunha a máquina, as longas horas de trabalho, a miséria, o cansaço e o medo do desemprego forçado.

E assim, deste o grande despertar da humanidade no século XVIII, preparado pela filosofia, pensamento generoso e humanitário livre e a boa vontade de tantos homens justos – Após um breve período de esperanças democráticas e igualitárias, os grandes Estados e o militarismo no continente europeu triunfaram, a maquinaria exploradora, o imperialismo comercial e colonial florescendo e a aristocracia, donos da terra desde a invasão normanda, de 1066, na Grã-Bretanha. No continente, permaneceu em uma posição defensiva forçada, o liberalismo, que lutou constantemente, brilhantemente em 1830, em 1848... Mas ele não podia mais conquistar uma segurança duradoura e estável, porque seus adeptos burgueses frequentemente se tornaram conservadores e agora são em grande parte fascistas, enquanto seus adeptos operários se tornaram socialistas ou pelo menos social-democratas. Na Inglaterra, toda a classe trabalhadora estava à defensiva, pois estava entre a espada e a parede por máquinas estrangulantes, uma situação que também ocorreu no Países continentais onde a maquinaria foi posteriormente introduzida, Bélgica e regiões da França e da Alemanha. Os camponeses foram forçados a lutar de forma tenaz contra os restos do feudalismo e, como na França, a pequena propriedade, sistema profundamente anti-socialista e não a associação tornou-se sua âncora salvadora.

Em tal situação que, é claro, só era adequada para dar lugar às grandes fortunas burguesas, perpetuar o monopólio agrário da aristocracia e condenar as pessoas a um trabalho sem fim e a uma miséria ilimitada, nesta situação cruel e insuportável que exigia ser radicalmente transformados para o bem da humanidade, pensadores, espíritos amplos, humanitários, bem-educados, mas necessariamente filhos de seu tempo, vieram apanhar as ideias socialistas do século XVIII. Eles fizeram o que todas as épocas

deveriam fazer pela sua concepção de socialismo, uma modernização dessas ideias de acordo com sua mentalidade influenciada por sua própria experiência. Este foi o bom caminho, porque todo o socialismo de seu tempo; nada é permanente na ciência, como todos sabem: por que haveria algo permanente no que, em todos os momentos, deveria ser a soma da melhor percepção social na concepção de uma vida humana livre e feliz sobre esse pequeno mundo, ou seja, socialismo? Insisto nesse aspecto porque, como se verá, do seu esquecimento frequente, muito mal foi gerado para o socialismo, e tampouco a anarquia está isenta dele e suas consequências.



## Capítulo II

Antes daquele grande período que vai de 1775 a 1815 – quarenta anos de guerra e revoluções, de imensas mudanças políticas, territoriais e sociais e de crescimento em dimensões e intensidade da vida industrial, comercial e financeira – o socialismo só tinha uma existência nominal, parcial, espasmódico, porque o antigo regime formou um bloco autoritário através dos séculos, minado pela crítica e pela ciência que prepararam as possibilidades de uma vida mais livre, mais branda, enfraquecida pela crescente ineficiência, mas que, por sua própria inércia, foi sustentado, apesar de ter sido em vão atacado em algumas ocasiões por rebelião consciente ou provocada pelo desespero. Assim como em nossa época, antes de 1917, o mundo socialista se acostumara a considerar o colapso de um Estado moderno como quase impossível, perplexo com a queda relativamente fácil e depois do primeiro embate violento, quase automático do czarismo russo, da mesma forma antes de 1775, quando da guerra da independência americana, não se esperava um colapso tão rápido e total; do sistema antigo e concebeu ainda menos um socialismo que foi o resultado da vontade consciente de uma grande parte de um povo.

Não havia, então, senão fragmentos dispersos do socialismo e, na esperança e na imaginação, era a ideia de uma justiça competitiva da vida além do túmulo: o paraíso, o elísio, o céu de houris dos maometanos, o céu das valquírias dos povos germânicos setentrionais, assim como a memória resignada da idade de ouro do passado distante, a lenda dos povos felizes sem propriedade ou leis em alguma Escítia mística, algum Eldorado ou ilha flutuante. Como havia realmente poucas rebeliões sociais, como tudo dependia do mundo então da dominação dos dominadores e também da ciência e da educação eram respeitadas tão pouco estendidas, surgiu a ideia – expressa nas numerosas utopias – de que o socialismo, ou qualquer outro sistema equitativo que se aproximasse dele, deveria ser o produto da sabedoria e bondade de um legislador, um rei magnânimo ou uma assembleia de anciões sábios e benevolentes que consertariam tudo. Se um estado de coisas de liberdade absoluta é às vezes considerado desejável, ele é colocado em um país onde a natureza ou algum processo inteiramente fantástico supostamente criou uma abundância absoluta e tornou o trabalho e outros esforços organizados verdadeiramente inúteis. Sem dúvida, os julgamentos não deixaram de produzir um socialismo cooperativo de medidas precisas e perspicazes contra o pauperismo – quero dizer a escola industrial de Bellers no século XVII, etc. – mas o esforço reformista imediato e a distante aspiração socialista se misturaram, de modo que tais projetos constituem, por assim dizer, a contrapartida protestante de assistência aos pobres praticadas pelos conventos nos países católicos.

Desde as próximas aspirações socialistas, que raramente eram expressas claramente e que em geral davam origem a encolhimentos de ombros, a elogios vagos sem constância ou a uma zombaria insípida, o problema social sempre esteve diante do mundo, o descontentamento foi manifestado por aqueles que podem ser chamados todos os meios da luta sindical e às vezes de grandes rebeliões de trabalhadores e camponeses, mas a autoridade sempre triunfou através da mais cruel e sangrenta repressão, através do estrangulamento do burocratismo das corporações forçadas e cataplasmas de uma instituição de caridade primitiva e precária administrada por conventos ou casas de trabalho (casas de trabalho); Por outro lado, a resistência ainda estava em suas mantilhas, dificilmente representada aqui e ali pela companhia e era nula entre os camponeses e lavradores. A relativa ausência de complicações internacionais para o comércio, a produção localizada, a vida frugal, a grande mortalidade (falta de higiene) que contrabalançava os nascimentos, tudo isso possibilitou que o antigo regime que dividia os homens em privilegiados e as pessoas, ele manteve a ordem por meio do local de execução, a tortura e o chicote, isso encheu muitos estômagos vazios nas portas dos conventos ou nas casas de trabalho, nas quais a ausência de cidadãos médicos e higienistas eliminava os menos endurecidos. Antes de tal sistema, que foi acreditado e dito eterno, acumulado antes de toda a **rebelião destrutiva e espíritos energéticos contribuíram para ele**; Sonhar com o socialismo naquele inferno era, então, verdadeiramente o trabalho de alguns sonhadores generosos que teriam continuado a sonhar durante séculos, mas não

foram eles que, em primeiro lugar, colocaram as mãos nas massas para derrubar aquele antigo regime, antes, tornaram-se suas vítimas diretas, conscientes da escravidão material, da opressão intelectual e da crescente ineficiência do antigo mecanismo autoritário em face da modernização da vida e de suas necessidades.

Havia, então, um grande número de homens ávidos por reformas políticas e sociais imediatas, mais ou menos avançadas, e um número mínimo de homens de aspirações socialistas, mas que ainda não estabeleceram nenhum contato sério entre o sonho distante e a ação imediata que os democratas revolucionários consideraram a primeira tarefa a ser realizada. Sem dúvida, havia muito mais socialistas do que sabemos, porque não só precisamos contar aos autores dos livros socialistas da época, mas também aos seus leitores, mas, na prática, a maioria deles estava confusa com os democratas e participava da luta direta.

Sabe-se que durante a Revolução Francesa havia um costume – por um ato de autoridade das assembleias ou comitês (continuadores da autoridade real secular) – de querer arranjar a vida econômica de cima, às vezes com um verdadeiro desejo de justiça social, outros, a favor da burguesia crescente e ambiciosa, e outros, em favor do fiscalismo estatista, mas na questão do socialismo havia apenas a ideia autoritária de que Babeuf e Buonarroti escreveram previamente uma série de decretos impondo um comunismo forçado e conspirar, com alguns democratas descontentes, implantar com sua ajuda uma ditadura que deve proclamar esse novo regime, plano frutífero em germe para a traição e reprimido com uma ostentação cínica e uma feroz crueldade, sem o braço ou a voz popular subindo em apoio às vítimas.

Assim, quando Saint-Simon e Fourier falaram em 1804 e 1805 na França e Robert Owen atacou os efeitos do maquinismo em 1815, não havia público socialista na Europa; no máximo, havia partidários de Babeuf em sociedades continentais secretas, adeptos de Godwin na mídia racial inglesa, e apenas dois homens falavam alto de ideias sociais avançadas, Thomas Spence, o primeiro propagandista popular a quem o sectarismo ou, no entanto, os caminhos estreitos e extravagantes de sua propaganda isolada, e Precy Bysshe Sëller, o jovem poeta socialista e ateu, fascinado por Godwin, que transferiu para seus poemas muito de seu ardor socialista, mas a quem seu verdadeiro gênio poético inevitavelmente isolou de uma propaganda prática.

Apesar de tudo, aqueles poucos homens, menos numerosos que os muitos diletantes do socialismo das utopias do século XVIII, mas ricos em experiência por terem frequentado ou testemunharam os eventos que aconteceram de 1775 a 1815 – guerras revolucionárias, maquinismo e o naufrágio de todo o velho mundo –, então concebeu sistemas socialistas em larga escala ou propagou ideias com um começo e uma energia de vida pública, desenvolvida agora, pouco ampliada e fechada naquela época nos salões e nos cafés literários, ajuda a explicar. Federações Mundiais, extensiva experimentação, intensa educação coletiva, grandes organismos e suas inter-relações em todo o mundo, tudo parecia possível, realizável para aqueles primeiros grandes socialistas, e era inevitável que os eventos transcendentais daqueles quarenta anos imprimissem em suas concepções seu ritmo, seus meios energéticos, suas proporções. Em suma, o socialismo anterior que foi, suave ou gravemente, educador, regulador, dominador e certamente ultraautoritário dos eventos de 1775 a 1815, deu origem a **concepções socialistas educativas autoritárias** em diferentes graus, que não desprezaram ou não ignoraram a liberdade, mas o relegaram a um período de maior perfeição, confiando, no começo, no conselho dos sábios, na autoridade do ensino, na fidelidade às doutrinas elaboradas pelos grandes iniciadores.

Este socialismo foi voluntarista e associacionista, depositou sua fé na cooperação espontânea dos homens progressistas que, pouco a pouco, fariam reconhecer o bom senso e a utilidade de seus planos até obter o apoio necessário para realizá-los lentamente. O fato de não terem triunfado se devia mais à inércia geral do que a direcionar obstáculos. Na minha opinião, eles cometeram o grande constrangimento de **não mostrar solidariedade desde o início de todos os esforços socialistas de qualquer nuance** e acreditar, pelo contrário, na infalibilidade de cada sistema e no absurdo de todos os outros: **assim, a pluralidade de socialismos que poderia e deveria ter sido uma glória foi, desde o início, sua maldição**; apenas algumas dúzias ou centenas foram contadas, e bom Fourier já deve gritar contra “as armadilhas e charlatanismo” de “as duas seitas de São Simão e Owen” 1831, etcetera.

Antes de serem divididos em **autoritários e libertários**, os socialistas já estavam em escolas **intolerantes**, proclamando o verdadeiro e o falso, branco e preto, bom e mau, razoável e absurdo, de

acordo com os fracassos de cada escola. Foi essa infeliz disposição de espírito herdada do sectarismo religioso, do pedantismo dos pedagogos, da monomania dos profetas alucinados, que envenenou o socialismo, é o equivalente vivo do nacionalismo contra o internacionalismo, do egoísmo contra o altruísmo, do proprietarismo como coletivismo, a incorporação de estreiteza e mesquinha contra amplitude e generosidade; é, em suma, uma bastardia entre as aspirações nobres do futuro – solidariedade geral, humanismo integral, liberdade total – e as qualidades monopolistas, proprietárias e dominantes que os homens carregam consigo como a herança amaldiçoada de um autoritário, fanático, ignorante, estreito e cruel.

É evidente que o socialismo dificilmente formulado não poderia triunfar, mas teria recebido desde o início uma base mais sólida se os socialistas de diferentes tonalidades tivessem tentado se ajudar em vez de tentar refutar e destruir uns aos outros. Além da inércia secular, havia também a recente avidez da burguesia em aproveitar os benefícios da nova maquinaria, o novo meio de transporte que expandiu as fundações de seus empreendimentos outrora tão localizados.

Mas esse desenvolvimento da produção e do comércio não ocorreu a não ser ao custo dos enormes sofrimentos dos trabalhadores da época, o que os impeliu a pensar exclusivamente em sua defesa pessoal contra a maquinaria que os sufocou e, devido aos quais eles não pensaram ainda sobre o socialismo, mas em seus assuntos imediatos que defendiam através da violência direta (destruição de máquinas), movimento rapidamente estrangulado, ou através de um sindicalismo, forçado a ser clandestino em seus inícios, que praticava sabotagens suficientes para se defender, querendo conquistar o poder político no Estado atual (movimentos para a franquia eleitoral, o carisma). Isso aconteceu em grande parte na Inglaterra, e na Catalunha um sindicalismo mais mergulhado no socialismo inglês também foi desenvolvido. Na França, os trabalhadores foram absorvidos pelo republicanismo, e apenas em pequena parte pelo babuismo que Buonarroti fez conhecido com seu grande livro em 1828 e que foi amplamente difundido na França a partir de 1830. Dele emergiram três grandes correntes especiais: o blanquismo, a continuação direta dos golpes de mão e a ditadura comunista de Babeuf; o sistema de Louis Blanc, o comunismo organizado e imposto por um Estado, à cabeça do qual e por meio (por exemplo, as eleições depois de uma revolução) os trabalhadores teriam sido colocados: é, então, um blanquismo legalista, a ditadura estatal; e o sistema de Cabet, que, para começar, propunha a fundação de uma Icaria comunista na América, mas que, se pudesse, teria querido impor seu sistema com autoridade em toda a França.

Assim, essas quatro nuances, Babeuf-B Buonarroti, Blanqui, Louis Blanc e Cabet, **representam o comunismo que exige a tomada do poder supremo para impor seu sistema igualitário a toda a comunidade.** E nisso ele dificilmente lida com as qualidades autoritárias daqueles sistemas que são indesejados: cada um acredita de boa fé que seu sistema representa o máximo de liberdade que seria prudente confiar a uma sociedade, grande como a de Louis Blanc ou pequena como a Icaria experimental de Cabet. Mas a cada um é concedido o direito absoluto de usar a força violenta direta ou a força legal da violência indireta, cada um proclamando a ditadura de sua vontade de impor seu sistema a toda a sociedade. E isso foi feito numa época, de 1828 a 1848, na qual – sem insistir na rara crítica anarquista, mas realizada por um homem da substância de Proudhon – ele tinha por exemplo o *Destinée sociale* de Considerant e os livros de Constantino Pecqueur (verdadeiros clássicos de um associacionismo federado e da comuna integral, que poderia ter servido para lançar as bases de um socialismo cooperativo autônomo e federado em larga escala, correspondendo aos planos análogos de William Thompson e Robert Owen na Inglaterra) Associacionismo fourierista e mutualismo individualista inglês, todos núcleos iniciais de uma produção e distribuição socialista internacional, se quisesse. Nesses mesmos anos, entre 1830 e 1848, as cooperativas começaram a se desenvolver, produto de escores iniciais mais do que modesto, e ver o que eles fizeram para ser hoje! Nesse mesmo período as ferrovias, os navios a vapor, o telégrafo, um grande número de fábricas, estabelecimentos, organizações de crédito, etc., cujas origens eram muito modestas, se multiplicaram e olharam para onde vieram em nosso tempo. Parece incrível para mim que, naquele momento e até hoje, não tenha havido um socialismo efetivo real; É verdade que desde então os eleitores foram formados e os socialistas organizados por milhões, mas onde está o seu trabalho? Sua impotência persiste de ano para ano, qualquer que seja o aumento nos números. Eles vão me dizer que eles ainda têm a maior Rússia e a Sibéria em seu poder: é verdade, mais hoje são seus adeptos abatidos por milhares em Cantão. Ser-me-á dito que são ministros e formaram gabinetes em diferentes países, ou que controlam grandes municípios: também é preciso, mas esses ministros, como todos os outros, preparam

e preparam guerras e miséria em muitos municípios, sejam eles socialistas ou não. As forças operárias socialistas, que não se preocuparam em fundar um socialismo criativo numa época em que o mundo estava em uma curva de sua história (o capitalismo moderno estava em sua infância), concentraram-se em uma atividade para a conquista de poder político e ainda estavam fascinados por este trabalho sem fim, sem saída: porque embora tenham crescido por um século, as forças capitalistas aumentaram em uma proporção maior. É suficiente comparar a quantidade de elementos dispostos a uma revolução social na Inglaterra naquela época e o desenvolvimento de seu capitalismo com as enormes proporções do capitalismo e as raízes mínimas do sentimento revolucionário nos Estados Unidos hoje.

Você não vê em que grau este século de obstinada busca do poder político separou o trabalhador do socialismo? Para o comunista de um século atrás, o socialismo era um trabalho de solidariedade direta em harmonia e liberdade com seus companheiros; para o comunismo hoje, na Rússia não existe tal trabalho: entre ele e o trabalho há uma imensa hierarquia, burocracia e papelaria, e ele é uma nulidade forçada a uma obediência passiva por seus camaradas igualmente impotentes nas vastas oficinas que pertencem nominalmente à nação que é para ele a mesma que se pertencesse a uma corporação de qualquer homem ou de um capitalista individual. Tal situação não pode levar a progressos na boa produção, no trabalho bem-feito, na abundância de produtos que esperamos de um verdadeiro socialismo e que tornarão possível e duradouro o mais digno comunismo deste homem, o que implica trabalho livre e produtos livres. Pelo contrário, tal comunismo de estado determina a indiferença, a escassez, para a qual é necessário apontá-lo continuamente com arquivos até que um dia ele afunda para ceder, talvez, a uma feroz reação individualista. Um povo que deve apoiar este socialismo imposto de cima não é, portanto, alimentado com o gozo de um ideal social que está sendo realizado e está se tornando cada vez mais tangível, mas que se sente dividido, separado desse ideal e do contágio, de todos os outros ideais e esperança: cai da Scila<sup>1</sup> do capitalismo no Charybdis<sup>2</sup> do estatismo a todo custo, ele permanece penetrado pela desconfiança duvidosa, sofre uma fatalidade inelutável e raramente tenta encontrar proteção na rebelião e na busca da verdadeira liberdade, mas, geralmente, no caso de todo homem que pode! Individualista, egoísta, o que vemos fazendo com a enorme massa de camponeses russos, enquanto os operários ainda estão surdos nos freios e desenvolvem um ceticismo silencioso e passivo de que um dia teria que impedir o organismo econômico a ponto de toda a burocracia comunista, embora numerosa e poderosa, não conseguir iniciar com um mínimo de eficiência: então o fim viria.

O que o comunismo autoritário foi capaz de alcançar é, portanto, um estado de coisas insatisfatório e, acreditamos, inviável a longo prazo: é preciso admitir que, se tudo isso ocorre em grande escala, seu cumprimento é duvidoso: Para uma catástrofe muito ampla, todos prefeririam uma menos extrema, ou absolutamente nenhuma catástrofe. Como os poucos grupos dos anos 1830–1840 inspirados por Buonarroti e Blanqui, Cabet e Louis Blanc, vieram os milhões a quem essas questões colocam hoje em movimento? Buonarroti permaneceu sempre à sombra, Blanqui conspirou e saiu quatro ou cinco vezes para a rua para lutar abertamente, Cabet foi um propagandista zeloso, um feroz polemista e fundador de uma comunidade pequena e pouco florescente nos Estados Unidos, e Louis Blanc, jornalista e historiador, estadista, em 1848, dos menos bem sucedidos, dos mais rapidamente derrubados por outros mais astutos e desde então uma relíquia respeitada, cada vez mais moderado, estes homens sempre não tinham a concorrência das pessoas que os viam e às vezes os aplaudiam, mas os abandonavam aos perseguidores, deixando Buonarroti extinto, Blanqui passando mais de trinta anos na prisão, Cabet para exaurir suas últimas forças nas brigas e misérias de sua distante Icaria e Louis Blanc para ser banido na primavera de 1848, antes mesmo de junho e então consumido em Londres como um notável republicano e socialista na vida. Esse comunismo, apesar dos esforços desinteressados de muitos adeptos, não tinha raízes no **povo**.

O que as pessoas fizeram durante todos esses anos?

Graças aos impulsos do período de 1775 a 1815 descritos acima, não houve recaída ou estagnação na Europa, não importa quão poderosos sejam os reacionários que permaneceram no poder ou reocupados em 1814–1815. O maquinismo inglês desencadeou essa defesa dos trabalhadores, meio políticos e meio

---

<sup>1</sup> Nota do tradutor: (mitologia) Scylla era um horrível monstro de seis cabeças que vivia em uma rocha de um lado de um estreito.

<sup>2</sup> Charybdis era um redemoinho do outro lado. Quando os navios passavam perto da rocha de Scylla para evitar Charybdis, ela apanhava e devorava seus marinheiros.

econômicos, dos quais falei e a reação no continente nada mais fez que promover o liberalismo, a democracia e o republicanismo (deixarei de lado aqui o nacionalismo que já discuti em outros artigos há algum tempo atrás). Surgiram, então, grandes partidos de reforma política e grandes organizações e movimentos de reforma social, entregando tudo à defesa e ao ataque imediatos, à proteção da conquista das liberdades políticas, à defesa da vida dos trabalhadores e às reformas sociais. Tais eram o carisma, o sindicalismo, a luta pelo livre comércio (contra os direitos de entrada no trigo), pelo encurtamento das horas de trabalho e pela proteção higiênica dos trabalhadores, etc., na Inglaterra; a luta pelo sufrágio universal, pelas constituições, pela emancipação dos camponeses, contra o feudalismo, etc., nos países do continente europeu. Tudo isso pôs em marcha, em meados do século passado, centenas de milhares, senão milhões de homens do povo e parte progressista das classes médias. Assim foi formado na Inglaterra aquele grande corpo de trabalho organizado, o bloco dos sindicatos, um corpo de espírito muito moderado, estritamente interessado nas questões operárias do presente, mas que defende essa causa restrita e limitada com uma tenacidade incomparável. Na França, o sufrágio universal de 1848 levou à formação do partido da república democrática e social, composto de trabalhadores burgueses e não-socialistas, mas ávido por um regime secular radical e a reforma social foi praticamente um partido arrastado em duas direções, de um lado, por seus membros não socialistas e anti-socialistas, de outro, por seus adeptos socialistas, os socialistas não-sectários, não-exclusivistas, que queriam cooperar com todos os elementos progressistas contra as reações que desde o começo corroeram a República de 1848 – a burguesia insaciável ingerida, o gênero Thiers e Cavaignac, o bonapartismo, o clericalismo etc. – e todos esses elementos eram também hostis ou céticos em relação aos comunistas autoritários ditatoriais (gênero Blanqui) ou aparentemente impraticáveis (gênero Cabet). Caso contrário, sabe-se que essa conjunção ocorreu tarde demais, que os dias de junho de 1848 já haviam fechado os corações do povo contra todos os partidos que se manifestaram em 13 de junho de 1848 e ainda mais em Paris depois do golpe de Estado de 2 de dezembro de 1851. Da mesma forma, em outros países da Europa, as pessoas desiludidas pela ineficiência na melhoria de seu destino social dos movimentos de 1848, pereceram sem emprestar seu verdadeiro apoio na segunda metade de 1848 e em 1849. É necessário isentar as lutas nacionais daqueles anos que, às vezes, eles tinham uma ressonância e ajuda muito mais populares do que as lutas políticas para rejeitar a contrarrevolução.

Houve, portanto, em meados do século XIX: **1)** socialistas de diferentes nuances, teóricos e críticos isolados e poucos soldados; **2)** os comunistas autoritários descritos acima – mais ou menos assediados, aprisionados, exilados, não relacionados fora de seu pequeno círculo de devotos -; e **3)** trabalhadores organizados para a luta atual (questões trabalhistas) e democratas políticos com simpatias sociais, mas sem fé ou convicções socialistas.

**Na minha opinião, o papel histórico de Karl Marx é ter lutado por uma cooperação entre a segunda e a terceira dessas categorias e a eliminação da primeira. Sua tática era sobretudo elástica e proteica, sempre tendia a obter a direção da terceira categoria – as massas de trabalhadores organizados e a massa de social-democratas –, ir com essas massas de trabalhadores e eleitores para a conquista do poder, seja no sentido Blanqui, pela apreensão direta – o que Lenin fez mais tarde –, bem pelas rotas de Louis Blanc, uma tomada indireta do Estado pelo parlamento (o que quer fazer e onde pode, a social-democracia).**

O que caracteriza esse método é – na minha opinião – seu esforço para fazer o socialismo produzindo socialismo com não-socialistas ou com homens pouco impregnados do espírito socialista. Marx substituiu os verdadeiros socialistas pelas massas, cuja condição de trabalhadores e defesa atual faz entrar os sindicatos e os eleitores a quem a atual opressão política faz descontentes; assim atrai o grande número a seu lado, mas nesse vasto meio os únicos socialistas são ele e os poucos verdadeiros comunistas autoritários. Estes os impelem a dominar essas massas, se já não forem autoritários de antemão. Há sempre, então, a ditadura intelectual e organizadora e, quando uma posição é conquistada, essa ditadura se torna governamental e hierárquica, como a do partido bolchevique sobre os numerosos milhões do povo russo. Disto resulta um **socialismo fictício, convencional, concedido, a sombra, o fantasma, a fachada** de um socialismo, nunca a sua realidade: porque eles também sofrem um erro grosseiro aqueles que figuram que com este método fiscal pouco a pouco as pessoas entenderão e amarão o socialismo. Não, isso é tão improvável e possível quanto a educação de uma criança que, com tapas e paus, tentou

se convencer da necessidade de aprender suas lições e amar e praticar os assuntos de seus estudos; pelo contrário, ela os odiaria. Este método não produz resultados duradouros, pode levar a usurpações, como o Bonaparte e Mussolini alcançaram tais usurpações bem sucedidas (enquanto isso durar ...), mas o socialismo nunca pode ser improvisado assim: será um produto orgânico ou não será.

Essa tática invejosa, tão diligente para a arregimentação das massas, é complementada pela rejeição sistemática de todas as outras nuances do socialismo. Se Cabet “refuta” todos eles por teimosia estreita, Marx os rejeita como um princípio, e assim conseguiu em grande parte quebrar a continuidade e as afiliações do socialismo para seus adeptos; prevenidos contra todos os outros socialismos pelas polêmicas e grossas palavras de Marx, seus seguidores logo passam a ignorá-los, a sentir por eles apenas compaixão ou desprezo e, se você ainda os vê de pé, odeia. O que Marx deveria ter se contentado em fazer em palavras contra Proudhon, em intrigas contra Bakunin, foi feito pela socialdemocracia na mais direta perseguição, e os bolcheviques o fazem por todos os meios de repressão, em vez de czaristas. A usurpação já teórica (Marx), já muito prática (bolchevismo), causa um desconforto de consciência afinal, e instintivamente o usurpador acredita que é necessário reprimir as testemunhas e críticas de seu crime. O que parece pensar no triunfo total disto, parece que a marcha em direção ao verdadeiro ideal socialista cessará porque algumas circunstâncias favoráveis permitiram a usurpação de novembro de 1917.

Aqui não vou falar sobre as próprias ideias de Marx sobre a evolução do capitalismo e seu colapso final em favor do socialismo. Sem dúvida, ele chegou a essas conclusões após quarenta anos de grandes estudos, terminando com sua morte em 1883; em primeiro lugar, seria útil saber o que o novo período histórico, aberto precisamente quando ele desapareceu (a tomada capitalista da África: o Egito em 1881, a Conferência Internacional do Congo em 1883, etc.), e que conduziu através do imperialismo colonial, do nacionalismo europeu ressuscitado, das grandes guerras, do apogeu do capitalismo nos Estados Unidos, etc., a uma crise universal crônica ou passageira – quem sabe disso! –, seria sábio saber de novo, o que esse período teria ensinado a um observador como Marx. Em todo caso, penso que se a chegada do socialismo dependesse dessa grande tomada que culmina no colapso do capitalismo, seu suposto estabelecimento na Rússia por uma disputa de circunstâncias em 1917 não responderia a essa previsão, mas, ao contrário, seria um fenômeno de outro caráter, um incidente, em vez de um acontecimento natural inevitável, um nascimento prematuro ou um aborto, em vez de um parto normal, saudável e de bom augúrio. Se fosse possível acelerar o socialismo com um estilo ousado do estilo Blanqui e Lenin, a evolução natural (Marx) e a revolução legal (parlamentarismo social-democrata) seriam inúteis. O marxismo na verdade professa três métodos: esperar que o fruto maduro caia, uma maioria parlamentar legal e o golpe de Estado ou o golpe de Estado têm, portanto, sempre razão aos olhos deles. Mas será mais do que triste que a boa semente socialista, semeada para produzir as mais belas flores e os frutos mais doces, seja coberta por essa invasão e usurpação do marxismo, encarnação do comunismo autoritário moderno, que deveria ser chamado de melhor autoridade de alguns comunistas sobre o povo e sobre todas as outras formas de socialismo, usurpação odiosa, se alguma vez houve alguma.

## Capítulo III

Não tratarei aqui de descrever o comunismo libertário, cuja expressão mais bela, a anarquia integral, é conhecida por tantas descrições em todos os países. Parece-me menos importante acrescentar mais um a esse número para examinar os elos de todas essas concepções libertárias com o mundo que nos rodeia. Vimos a estreiteza e a intolerância devastadoras do comunismo autoritário que temos diante de nós em sua realização bolchevique e em suas aspirações social-democratas ou legalistas socialistas que levam ao mesmo fim: a imposição de um sistema único por meios autoritários e as vitórias dos socialistas de outras nuances que não se prostram diante dos novos anos! Não imitá-los ou, caso contrário, cairíamos abaixo do seu nível. Nós não nos opomos, por nossa vez, a algum sistema único, um programa ou uma plataforma, mas abraçar em uma ampla e aberta solidariedade a todos os voluntários, libertários e solidários, sem tomar cuidado para estabelecer meios para o comprimento, latitude e profundidade do nosso corpo ou libertarianismo.

É realmente lamentável que as mais antigas concepções sociais tenham desaparecido e a literatura delas desapareça, sem selecioná-las através de verificações experimentais. É também que concepções tão difundidas como o coletivismo anarquista da internacional têm sido condenadas e abandonadas em um dado momento, e que mesmo a própria noção natural de Mella e outros, de não prejudicar esses problemas sem experiência e de admitir pluralidade de hipóteses econômicas, ser letra morta por um longo tempo. Recentemente, a divisão entre comunistas e individualistas na França, em vez de diminuir, foi aprofundada mais profundamente, embora não inteiramente sem protesto. Como tudo é sobre o que virá num momento não muito próximo da maneira – como as coisas estão indo –, e em circunstâncias gerais e essenciais que não podemos prever, parece-me que nosso ideal libertário está sempre diminuído, convertendo-o em – palavras e escritos – em uma joia mais maravilhosa esculpida, a pera também menor, mais essencializada, menos visível e compreensível para um número suficiente de homens que, nem sequer digo que os realizariam, mas que tolerariam pelo menos sua realização em um meio mais ou menos localizado.

Pelo contrário, parece-me que as grandes linhas de nossas ideias deveriam ser impressas no próprio céu com letras flamejantes, mas que os detalhes deveriam ser deixados para a experiência e as previsões daqueles que realmente poderiam se dedicar a elas. A experiência será necessária porque você deve sempre construir com os materiais que você tem à mão no momento determinado, e a predileção dará o impulso, reunirá elementos harmoniosos e intensificará a eficácia do que é feito.

No passado, Proudhon foi ótimo em suas críticas, mas estreito demais, unilateral, especializado em suas propostas econômicas e grande novamente em seus projetos de federação. Bakunin entendeu maravilhosamente o que era uma demolição geral e que o próximo passo seria a criação de uma estrutura ampla, solidamente garantida contra recaídas e reações – associações federadas – e então a própria vida, a nova experiência, as novas possibilidades, vontades e necessidades preencheriam essa estrutura. Élisée Réclus, para quem o comunismo (todos por todos) era inseparável da anarquia, mantenho-me muito bem em teoria, assim como em táticas, de propor algum programa, sabendo como eu sabia de seus estudos a infinita variedade de homens e coisas. Eu tinha chegado à ideia de que havia abundância e que, bem, a operação de todas as nuances do comunismo e a ampla e generosa prática de solidariedade seriam facilmente alcançáveis, um ponto importante sobre o qual estamos menos calmos em nosso tempo. Kropotkin examinou cuidadosamente este último problema sério, suas conclusões parecem muito pessoais, muito especialmente aplicáveis a certos casos, para serem consideradas como resultados gerais: para mim, ele se tornou um dos autores que ainda é encantador quando seu trabalho é considerado como um trabalho puramente pessoal, uma hipótese, uma utopia engenhosa e deliciosa para si mesmo, mas que se sente compelida a contradizer muito se seus escritos são conceituados como um ensinamento geral. Malatesta, também para mim, evoca muito menos contradição, e em suas obras depois de 1919, parece-me que ele lança as bases de uma revisão crítica e séria do anarquismo convencional, **daquele anarquismo**

**que não vê nenhuma dificuldade, que não aprofunda nenhum problema, que sempre diz as mesmas coisas e que se diria que está esperando por um bom dia para toda a humanidade bater em sua porta para que ele possa salvá-lo, e então, como que foi escrito em alguns programas, artigos e folhetos, ele a tirará de sua prensa; as coisas não alcançam um grau similar de simplicidade.** Ricardo Mella, Voltairine de Cleyre e Gustav Lauder são, segundo minha impressão, os autores que com Élisée Réclus entenderam melhor a amplitude e a variedade que devem ser dadas às ideias anarquistas que, no mínimo, viverão sua própria vida, impossível prever, e para o qual é absurdo querer comprimir em fórmulas e enclausurar nos limites.

Eu fecho esta pequena lista cujo único propósito é apontar – aparte de um pouco da nossa riqueza em pensadores de valor incomum – que a anarquia estava sempre em pleno movimento e que seria um erro considerar todas as suas propostas como definitivas e descansar sobre os louros do passado. Felizmente, se alguns não levarem em conta esse fato, muitos outros pensam sobre isso e as ideias, um tanto cristalizadas por algum tempo, são jogadas de volta ao cadinho.

Obviamente, o que todos procuramos é a ligação dessas ideias com a vida popular. O interesse direto das pessoas na troca de produtos, como Josiah Warren e Proudhon tentaram, oferece muito poucas garantias aos homens da vida cotidiana que buscam acima de tudo uma segurança rotineira, a ausência de perigo. O experimentalismo, por mais útil que seja, nunca excedeu limites muito pequenos; Os planos maiores de Gustav Lauder morreram com ele. O instinto de rebelião que Bakunin esperava despertar no povo, onde, segundo ele, estava cochilando, é muito recalcitrante: Esta combinação com tal prudência e desconfiança que só aparece quando o fio está bem quebrado e derretido, quando é grande e quando as responsabilidades pessoais são muito pequenas. Mas se Bakunin considerasse que os instintos populares eram anti-autoritários, anti-estatistas, poderia ser assim em seu tempo; hoje, esses instintos me parecem estar contaminada com uma autoridade de emboscada que seria a primeira a se manifestar, já que a humanidade, desde a época de Bakunin, passou por todas as formas de autoridade e, infelizmente, de jeito nenhum – exceto ciência e artes – de liberdade. Kropotkin também particularmente entre 1879 e 1882, acreditou na revolta popular oh! Tão perto, mas ainda longe ... e dez anos depois, houve novamente muitos sacrifícios para fazer as faíscas que inflamariam a caixa de fogo da rebelião popular, mas o incêndio não ocorreu.

Então, para 1898, chegou o momento da grande aproximação ao povo trabalhador com o sindicalismo. Coisa muito útil porque viabilizou os anarquistas, a propaganda, os conselhos, a ação prática direta em um ambiente de trabalhadores unidos a eles por interesses comunais e uma solidariedade e prática ideais. Mas esses casos provavelmente eram raros em pouco tempo, e geralmente a abrangência assimilava os anarquistas aos sindicatos, em vez dos sindicatos aos anarquistas. Isso deve ter sido diferente, onde o sindicalismo era um anarquista antigo e internacionalista como na Espanha, mas na França e em outros países os sindicatos tinham um passado não anarquista; Além disso, a vida interna dos sindicatos, sua política e o confronto permanente entre diferentes tendências sindicais, tudo isso, em suma, produziu mais uma história cheia de alterações e polêmicas, de grandes ódios e grandes paixões – como a história dos diferentes países –, do que uma efetiva cooperação contra a burguesia e menos ainda que uma ampla expansão da ideia anarquista. Por outro lado, logo o sublime lema “sindicalismo é autossuficiente” foi ouvido, e começou com amor a jogar fora as ideias infiltradas, consideradas totalmente inúteis.

Resta listar o apoio que uma grande parte dos anarquistas russos prestou de boa fé ao bolchevismo em 1917–1918, para receber uma cruel decepção desde a primavera de 1918, o último desde 1921 e o fascínio, igualmente boa fé, de alguns anarquistas para o mesmo partido em outros países que não a Rússia, uma questão de falta de relatórios diretos e corretos já terminados há vários anos, de modo que hoje um pequeno número permaneceu ligado ao bolchevismo e foi completamente perdido para nós, enquanto todos os outros veem essa questão muito claramente.

Lembre-mos também da guerra, em que tais vacilações ocorreram, e do fascismo, que levantou o problema da cooperação ou não-colaboração com os outros partidos antifascistas, socialistas, comunistas, radicais, etc. E finalmente, não esqueçamos que uma questão de pura humanidade une, nos últimos tempos, um grande número de vozes de protesto humanitárias, socialistas e comunistas, vozes anarquistas, que por outra questão da humanidade, o destino dos presos políticos na Rússia, eles os criaram muito, mas carecem de grande apoio antes dos que estão no poder na Rússia.



Esse é, aproximadamente, o quadro em que a ação e a propaganda anarquistas se manifestaram e, embora muito tenha sido feito e algo tenha continuado a ser feito, isso não é suficiente.

A ideia, comunista libertária, deveria ser mais difundida no mundo, que – se em si é ampla – não oferece programas verdadeiramente impossíveis de consertar, mas a melhor maneira de conduzir a própria vida, o chamado para praticar liberdade e ao retorno da dignidade humana tão constantemente sacrificada no altar da autoridade, enunciada, enfim, felicidade e harmonia, paz e liberdade.

**Por si só, como teoriza em programas e plataformas, a anarquia não será capaz de superar a inércia milenar criada pela autoridade e seu cúmplice, a rotina, no espírito de quase todos, mesmo aqueles que seriam os mais oprimidos e explorados e que por isso, supõe-se que sejam revolucionários ignorados. Será necessário a contestação moral, o silêncio de aprovação, pelo menos, de todos aqueles que, em um círculo que é exigido, pratiquem a espontaneidade e a associação e não tentem se estabelecer como senhores dos outros. Nós gostamos de acreditar que o bem é, afinal, mais forte no mundo do que o mal. Então vamos juntar tudo que é bom e vamos tentar para fazer o vazio em torno do mal, até finalmente se livrar dele. Para o grande mal da autoridade é necessário se opor à grande solidariedade do bem. Por mais que a anarquia seja para mim, qualquer progresso em qualquer esfera me traz sempre alegria, porque é progresso, porque vem somar à soma do progressivo contra a soma, o peso terrível, o autoritário e a rotina.**

Eu não compartilho dessa maneira de considerar o mundo como uma podridão digna de perecer e da qual não vale a pena ocupar-se, e anarquistas como os únicos justos que regeneram o mundo. Isso seria válido se houvesse um bom Deus que um dia nos colocaria em uma arca como Noé, afogaria os outros habitantes da terra e nos deixaria o solo livre para fundar a nova sociedade e continuar a discussão na plataforma. É improvável que as coisas aconteçam dessa maneira. **Se este mundo está podre, nós também estamos de certo modo, e quanto mais ele decai, mais perigo corremos de nos contaminarmos.** Quanto mais saudável você estiver em qualquer domínio, grande ou pequeno, mais fácil será nosso trabalho, que não é persuadir a todos a aceitar uma plataforma ou uma contra-plataforma ou impor aos outros, nossa liberdade (isso pode ser feito sem autoridade?), mas a de conquistar, de grau ou por força, a liberdade de viver nossa própria vida que será anarquista (sem uma plataforma, de minha parte, e deixando que os outros vivam sua própria vida, desde que não atropеле nosso gênero de vida e não cometer atos de crueldade, insurreição ou destruição das riquezas sociais pertencentes a todos, nem monopolização de tais objetos, etc!).

Todo esse mundo, que permite uma convivência harmoniosa e é razoável o suficiente para praticar algum voluntarismo inteligente e solidário, formará a grande família do que pode ser chamado, de acordo com as ideias dos avançados, comunistas libertários e os individualistas libertários, não vulgarmente egoístas e antissociais, serão sempre bem-vindos entre esses solidaristas livres.

O mundo do comunismo autoritário fará o que quiser e os individualistas egoístas sentir-se-ão confortáveis nele (a NEP já deve conter alguns tipos desse tipo), se invadir o mundo livre, ele se defenderá; sem isso, admitir-se-ia que existem homens de mentalidade diversa, como de raça e de cor diferente, e cada um viverá à sua maneira.

Em uma base similar, as forças paralelas, se não já aliadas, da velha e da nova autoridade, uma massa formidável, talvez possam ser derrotadas por uma grande união de todos os bons homens. Parece improvável que isso possa ser alcançado por meio do rigorismo doutrinário.

**Depois de seis anos de revolução  
autoritária**

# Capítulo I

Seis anos após a imensa comoção na Rússia, cinco anos depois de tantas situações e os chamados esforços revolucionários em grande parte da Europa central, teríamos esperado um pouco mais de corrente socialista, de ímpeto revolucionário, de solidariedade, de entusiasmo, do vivo sentimento humano, em suma, nesses mesmos países e em todas as outras partes do globo, nos países em que as ideias socialistas, os movimentos e a organização socialista adquiriram um desenvolvimento tão imenso e tão variado por muito tempo porque o socialismo não é mais jovem. Ele já está velho demais, ele envelheceu cedo demais, ele morrerá antes de uma verdadeira flor? Essas questões podem não ser muito pessimistas: houve uma bifurcação desastrosa da corrente emancipatória que transborda em suas origens juvenis e foi diretamente para a criação de um novo mundo. Mas seduzida pelo milagre do sucesso imediato, a tendência reformista e autoritária há muito tempo abandonou a luta por uma sociedade livre e afastou a ideia de liberdade de suas concepções, condenando-se à esterilidade, à incoerência e à senilidade precoce e, ao mesmo tempo, dividindo a corrente revolucionária em duas forças que nunca podem estabelecer a verdadeira solidariedade entre si, colocou em xeque o progresso de todo o movimento social, fazendo com que as aspirações socialistas percam sua primeira campanha global. Não adiantará esconder em que grau a deserção da maioria dos socialistas contemporâneos também arruinou nossas próprias esperanças para os socialistas libertários.

Assim, os eventos – a partir do momento em que o socialismo internacional poderia reagir em grande escala contra a guerra e não o fez em 1914; já que poderia ter sido aplicado com sinceridade para acabar com a guerra em 1917; desde que ele estava na frente das revoluções sociais e políticas na Rússia em março e novembro de 1917; desde a queda dos impérios na Europa Central em 1918 e 1919 até agora – provaram a ineficiência, a impotência, a unidade socialista absoluta do socialismo reformista e político, da social-democracia e dos partidos operários, conseqüentemente, com sua cauda de sindicatos moderados e centralizados; eles também provaram que a parte aparentemente revolucionária dos socialistas autoritários, aqueles que não estão satisfeitos em se organizar com a burguesia para obter alguns reinícios de um poder fictício, como fazem os social-democratas presos e domesticados, mas eles exercem todo o poder por si mesmos e às vezes conseguem, eles apenas se tornam, por essa vitória – conquistada com o apoio de todos os socialistas – em usurpar monopolistas, em tiranos que odeiam, maltratam e esmagam tudo o que podem, todas as outras concepções socialistas, e não conhecem naturalmente, por isso, mais do que estabelecer um triunfo puramente militar e policial (conseqüência temporária) prolongada artificialmente por meio de arquivos e que na realidade constitui um espantinho que serve à reação de desacreditar todo o socialismo diante da grande massa dos não iniciados e dos pouco instruídos. Pode-se ter pouca consideração objetivamente pelas opiniões dessa massa facilmente influenciadas pelo preconceito e pelas aparências, mas suas simpatias ou sua hostilidade surda, embora ambíguas e irracionais, sempre têm uma influência imediata ao criar uma atmosfera, um ambiente, em que esta ou aquela ideia, inchada pelo vento de certa popularidade, progride rapidamente, enquanto outra, qualquer que seja o seu valor, parece ter liderado em suas asas diante de uma indiferença geral.

O contato com a ineficiência dos sociais-democratas e comunistas autoritários reviveu o sindicalismo revolucionário europeu, no qual as tendências revolucionárias, em outro tempo, e especialmente em teoria, tão forte, tem sido impotente contra tantas outras correntes e influências pessoais e as chamadas práticas. A pura nuance anarco-sindicalista permaneceu, portanto, em um isolamento do qual está agora tentando se destacar e, sem dúvida, todos os nossos votos estão a seu favor em seu presente esforço.

Os anarquistas europeus não foram capazes de inspirar em si mesmos um impulso correspondente às suas ideias para os eventos e perderam muita força, seja por uma solidariedade mais sentimental do que reflexiva com movimentos em que seu espírito não tinha chance real de prevalecer, seja por uma controvérsia com o mais fanático dos seus oponentes, que são os mais difíceis de convencer. Conseqüentemente, todos sofreram pela falta de alguns e a ideia de que o fracasso dos autoritários aumentaria a

atração das ideias libertárias é, infelizmente, uma nova ilusão; a depressão e a doença do corpo social afetam e enfraquecem todo o socialismo, porque é impossível, aparentemente, que em um terreno que, por algum motivo, esteja mal adaptado, definham uma espécie de socialismo e outro floresça em seu lugar; o infortúnio cria, pelo contrário, uma comunidade em ruínas.

Sem dúvida, esses anos trouxeram algo novo, ou melhor, mostraram certas tendências impregnadas de vitalidade que passaram a ser consideradas em seu primeiro plano. Assim, apesar da social-democracia, a crítica do parlamentarismo impressionou as massas, a ideia de ação influência direta também, e em tudo isso veio a ideia soviética, assembleias de base e conselhos de trabalhadores, esforço para substituir o sistema e para o indivíduo não se render, de mãos atadas, a critério de seus escolhidos – um esforço que testemunha a crítica e boa vontade, mas que deve levar de volta ao parlamentarismo a partir do qual não destrói o princípio, e do qual é uma realidade mais uma intensificação, uma extensão de detalhe, uma redução, portanto, do anel autoritário e um caminho muito falso de liberação. No sindicalismo, um desenvolvimento semelhante ocorreu; ao lado do sindicalismo distante, há a estreita coesão de todos os empregados – de sindicatos e de diferentes sindicatos – de uma fábrica, de uma força mais efetiva e direta do que a união, seja para paralisar a produção em caso de luta, seja para reiniciá-la os próprios trabalhadores com a cooperação dos elementos técnicos e a eliminação do parasita que embolsa o benefício líquido. Essa ideia, difundida em todos os países e praticada até a expropriação temporária, a ocupação dos estabelecimentos metalúrgicos e sua posse na Itália, em 1920, nos faz avançar muito e eles descobriram, por assim dizer, o mecanismo da produção futura; será um procedimento mais simples do que se acreditava anteriormente – o não reconhecimento, no futuro, dos pretensos direitos dos parasitas, que nada acrescentam à eficiência técnica da produção. Houve também, aqui e ali, alguma expropriação da terra, cuja importância para a nutrição é melhor apreciada do que no mundo da abundância agrícola anterior à guerra, quando a competição mundial fez a terra e os camponeses da Europa aparecerem como acessórios e caprichos inúteis, com os quais eles não sabiam o que fazer. Agora, pelo menos onde a aguda falta de comida foi sofrida, a ruptura entre a indústria e a agricultura, criada pelo sistema de perfeição do maquinismo, tornou-se menor, ambos se sentem intimamente ligados novamente e a “aldeia industrial”, a agricultura intensiva, muitos dos ideais de Kropotkin e Morris, tornaram-se esperança, no sonho de pessoas que se sentem impelidas instintivamente a retornar à terra, sem isso as aspirações libertárias que sempre foram dirigidas para esse fim são até mesmo conhecidas por eles. Nesse terreno, nossas ideias estão mais próximas das vagas aspirações de muitos desorientados, desiludidos com o industrialismo **exagerado** e tentando encontrar algo melhor, um modo de vida no qual eles deixam de ser uma engrenagem insignificante do maquinário do Moloch industrial para se tornarem homens completos com braços e cérebros na oficina e no chão.

Duas outras tendências características são capazes de levar o bem ao peito. Parece um pouco em todo lugar hoje que grandes partes do sistema antigo estão falidas, que sairá delas, você não sabe o quê, mas não está surpreso com nada, mudanças são previstas e elas são aceitas em breve, embora mais com resignação do que com entusiasmo. As mudanças radicais encontrariam, então, menos resistência do que se poderia acreditar, o que não significa, no entanto, eles encontram um mundo capaz e disposto a realizá-los; esse mundo só iria apoiá-los, pois também apoiou muitas outras coisas nos últimos dez anos. A resistência, então, seria diminuída, mas o verdadeiro interesse ainda faltaria, se eu enxergasse bem. Outra prova é aquela segundo a qual, embora muito sofrimento tenha sido imposto aos trabalhadores, suas necessidades aumentaram durante esse período; ele exige comer e onde ficar melhor e trabalhar menos tempo, e ele faz menos esforço do que antes da guerra; como o camponês, o trabalhador agora sente o valor de seu trabalho e não retornará à frugalidade absoluta, ao trabalho destrutivo de sua saúde e prejudicial ao seu desenvolvimento intelectual, como em outros tempos. Esse fato desequilibrou a produção capitalista, que baseava seus cálculos na existência de massas trabalhadoras, movidas pela miséria, a serem vendidas ao menor preço e a serem mortas com o trabalho excessivo. Essas massas já não existem nos países da Europa, onde a crise irreparável da guerra afetou, embora em menor grau; até mesmo os desempregados preferem permanecer com fome do que dar uma mão à reconstrução da sujeição do trabalho pré-guerra.

Mas se essas mudanças na ação e na mentalidade popular nos dão esperança, não perdemos de vista a terrível falta de espírito e desejo de liberdade nas massas, sejam elas socialistas, populares em geral, sua disposição de adotar qualquer direção autoritária, de se exercitar, não importando qual autoridade ela

seja como uma alegada expressão de igualdade e, infelizmente! Também sem ele, você sempre encontrará no meio da multidão noventa e nove pessoas com mais de cem dispostos, felizes, a fazer o trabalho de autoridade, por serem oficiais, conselheiros de qualquer tipo, exército ou polícia; Isso lhe agrada muito, exercendo autoridade e não tendo responsabilidade, sendo coberto pela autoridade de seus superiores.

Vimos também como o governo, longe de ter sido rompido pela queda dos regimes políticos, finge ser rejuvenescido por essas mudanças, enxameia e recriminando num canteiro escandaloso, mostrando-se republicano, socialista ou proclamando-se trabalhador do pensamento da noite até a manhã, para prometer a perenidade do parasitismo estatista; como políticos, grandes, pequenos e pequenos, eles só aumentaram, e todos querem ser um oficial ou eleito, investido de qualquer autoridade. Isso nos mostra o desgaste produzido na mentalidade popular pelo desprezo sistemático da liberdade por cinquenta anos, e mais, da democracia social e do operismo autoritário; a tarefa que nos espera é salvar a ideia de liberdade e dignidade humanas da ferrugem na qual o estatismo, cegamente aceito pelo socialismo autoritário, permitiu que eles caíssem. Será um trabalho imenso, mas indispensável para nós.

Resumindo essas impressões, pensamos que há uma verdade desagradável, mas sabemos que, no que aconteceu na Europa no campo das lutas sociais ativas desde 1917, os autoritários tomaram a iniciativa e ainda a mantêm, o que torna os melhores esforços libertários impotentes. As massas populares, do seu ponto de vista, veem apenas um esforço socialista, o autoritário; eles não nos veem e não nos compreendem, e vão diretamente aos vitoriosos autoritários, cujo prestígio se apaga porque eles não se afastam das tradições seculares das massas acostumadas a serem dominadas; eles são para seus novos mestres como eram antes.

## Capítulo II

Se este círculo vicioso que prende os socialistas autoritários e as eternas vítimas de sua “servidão voluntária” não for rompido por uma iniciativa libertária séria, tudo irá de mal a pior e todo o socialismo será ofuscado e substituído por um sistema ainda mais autoritário, escravidão fascista, por exemplo, que bate nas portas; O capitalismo, o nacionalismo, o clericalismo depois dele, o herdarão e o Estado, isto é, o grupo de oficiais, lhe deterá um golpe onde ele já não esteja no campo fascista.

Uma revolução social atual, precipitada nesses países infelizes, não mudaria nada em minha opinião. Viria, se triunfasse, mais do que o triunfo de uma autocracia socialista que seria o túmulo da liberdade e das vésperas de um retorno a um estado deplorável, que o fascismo e outros fenômenos cruéis do nosso tempo permitem, mas que é inútil pressagiar. Diante da mentalidade autoritária dos socialistas e das massas e de sua falta de disposições mínimas de tolerância em relação aos libertários, o apoio que demos a essa revolução seria deplorável no sentido de nossas ideias, que eles não encontrariam nada além de perseguição nos novos mestres, como aconteceu na Rússia e acontecerão em todos os lugares.

Importaria, então, coordenar os esforços para uma iniciativa libertária. Vamos estudar cuidadosamente todos os pontos de apoio, os movimentos que ainda são baseados no voluntarismo, nas associações livres, federação, a coexistência de diferentes nuances, experimentação livre, abstenção do estado, verdadeiro internacionalismo. Tais movimentos existem em toda parte, só isso, nós atacamos como a nós mesmos aqui, porque a impotência diante do autoritarismo vitorioso nos parece muito insignificante, assim como a anarquia europeia de nossos dias parece ser muito pequena para eles, e é de fato em este momento. Não será maior, tenho certeza, se for associado, por assim dizer, exclusivamente com uma parte do movimento sindical, que, basicamente, é um movimento prático em primeiro lugar e não pode colocar ideias em primeiro lugar, tão boa quanto a vontade dos camaradas nos sindicatos. O anarquismo europeu só crescerá por causa da nova seiva que é extraída de todos os elementos que não são ofuscados pela autoridade e que contêm as correntes que acabei de descrever, e de todas as desiludidas das orgias da autoridade capitalista e socialista que vagam no mundo atual, e mesmo do grande número daqueles a quem a fraca voz da presente propaganda ainda não alcança. Não é sobre a frente unida com todos aqueles elementos que estão fora da engrenagem estatista fascista e autoritária socialista, mas sobre criar uma mentalidade, um espírito, um impulso antiestatista, livreassociacionista, voluntarista de homens que não têm fome de autoridade ou cegados por ela, e então ela será vista.

Esta estrada seria longa demais? Eu não sei, mas não vejo outro mais curto. Se realmente queremos a anarquia, devemos agir de maneira mais ou menos semelhante. Se simplesmente quisermos um socialismo autoritário, até mesmo a medula, que nos rejeitaria depois de ter servido a nós e que seria detestado a longo prazo, ou um pouco menos, que permaneceria apenas por causa do medo de vingança que provocaria sua queda, então não vamos fazer nada, vamos deixar a iniciativa para os outros, para os autoritários, e vamos repetir os acontecimentos dos últimos anos. A coisa é diferente, como repeti novamente, em um país como a Argentina, onde a corrente libertária prevalece no movimento operário geral; não há mais nada para manter essa primazia, reforçá-la e agir quando chegar a hora. Mas na Europa o anarquismo se encontra tanto na retaguarda após esses anos de autoridade militarista, estatista e comunista, com a intoxicação de seus sucessos gerais e apoiada pela imbecilidade geral, que não deve desprezar nenhum meio de se estabelecer. A liberdade está morrendo na Europa, como o anarquismo pode prosperar? Não diminui aquele que se reconhece pequeno e recomeça numa base mais sólida e mais vasta. Seria menos abstrato, estaria mais perto da vida prática, não desprezaria o exercício de seu cérebro e de seus músculos em algum problema urgente de nossos dias, e isso não poderia prejudicá-lo.

O ritmo do progresso das evoluções históricas, da mentalidade das massas, das disposições dos partidos avançados e da elaboração das ideias que inspiram os espíritos mais enérgicos da vanguarda, esse ritmo é diferente, e os mesmos, os diferentes fatores mencionados que vão mais rápido ou menos lentamente, assim que os outros. Nos casos muito raros em que esses fatores de ritmos tão diversos se

aproximam, alguns impulsos são suficientes para unir os últimos obstáculos, e uma revolução verdadeiramente progressiva e fértil é feita, um grande passo à frente é dado. Mas isso é muito estranho. Se o mundo apenas progredisse através desses saltos revolucionários, seria ainda mais atrasado do que é; felizmente, também progride através do trabalho tranquilo de cada dia que cria mentalidades, disposições, energias. Seria o último a desprezar as revoluções, mas conhecer a profundidade da doença das partes sofridas da Europa atual – aquelas partes em que as revoluções pareceriam prováveis num futuro não muito distante (nos outros dominam o fascismo, o nacionalismo ou o socialismo político) –, direi que essas revoluções, produtos da miséria e penetradas pelo autoritarismo, estariam tão longe de nossa ideia de revolução como tudo o que aconteceu nos últimos anos e durante e depois enfrentaríamos o mesmo problema que aqui: eles ainda absorveriam uma parte de nossas forças nos rejeitaria mais tarde e a corrente libertária seria ainda mais fraca. Nós não ganhamos nada e, em vez disso, teríamos experimentado novas perdas.

Eu nunca teria acreditado, antes da experiência destes últimos anos, que enfrentaria com esta falta de simpatia o advento do que seria chamado de revolução alemã as vicissitudes da revolução russa, uma revolução muito profunda que foi deixada em cadeias por um partido usurpador que me fascina tão pouco quanto a história de Napoleão I quando estudava a Revolução Francesa; esses eventos, bolchevismo e Napoleão I, eles têm seu próprio interesse como obras de autoridade sem mitigação, originário de revoluções que não sabiam respeitar a liberdade e pereceram por isso, mas o bolchevismo não é a revolução russa, nem Napoleão é a Revolução Francesa. Eu não sou bonapartista porque não sou bolchevique ou comunista se este jogo na Alemanha prevalecesse por algum tempo. Então, realmente, essas revoluções autoritárias não me interessam; seriam repetições cruéis do exemplo russo que, além disso, acontecia, admito de bom grado – se eu julgar bem –, com certa ingenuidade e com risco real, porque os bolcheviques, como Bonaparte no XVIII Brumário, não podiam prever que se tornariam os senhores de grandes países, que é o que foi logo depois. Mas dar o mesmo golpe pela segunda vez é tão pouco interessante como, por exemplo, o advento de Louis Bonaparte, o futuro Napoleão III, que depois de Estrasburgo e Boulogne finalmente triunfou em dezembro de 1851. É infinitamente triste que o povo alemão, depois de todos esses dias de angústia e sofrimento indescritível, não saiba como não fazer absolutamente nada válido em termos da revolução e continue sendo o brinquedo dos mais desprezíveis autoritários de todas as cores e origens. Em tais situações, o aprendizado mais elementar da liberdade é imposto a ele, e corresponderia aos anarquistas unir todos os esforços, mesmo que poucos libertários, para criar a corrente da qual uma iniciativa libertária emergirá um dia. E o mesmo deve acontecer em todas as partes da Europa, **mutatis mutandis**, para enfrentar e prevalecer sobre a iniciativa autoritária que ainda é onipotente e que só triunfou para semear os germes do fascismo, afogando a liberdade.

O espírito libertário é aquele que vai reviver e recriar o socialismo; sem isso, o socialismo se perderia por muito tempo coberto pela camada do fascismo e pelas camadas reacionárias em seu namoro.

Em suma, se contemplarmos esses eventos a partir de um ponto de vista de observação mais elevado, o que nos falta hoje, se pudéssemos ter uma visão global de vinte séculos, como temos feito nos séculos passados, veríamos, talvez, que a revolução social desencadeia finalmente pela monstruosa guerra que destruiu o equilíbrio e a estabilidade do capitalismo que, apesar dos aproveitadores da hora e de alguns países ricos, não consegue pôr ordem em seus negócios, que a evolução social deve ser purificada primeiro por doenças da infância, a febre escarlate da autoridade, a varíola da ditadura, o sarampo da política social-democrata, para alcançar a idade da juventude e a virilidade na qual, animada pela poderosa seiva da liberdade, é finalmente realizado de maneiras que não podemos adivinhar, mas que será o que a liberdade pode produzir, na medida das forças que tem então. Essas forças não existem sozinhas nas circunstâncias, em certas ocasiões, elas também devem residir nos homens, ou o resultado será infeliz. Abra a gaiola de um pássaro nascido e não sairá e se sair não saberá o que fazer e perecerá antes de se adaptar a uma liberdade desconhecida. **Os homens, quebrantados espiritualmente por uma autoridade secular, não podem adaptar-se imediatamente à liberdade, assim como o pobre pássaro nascido na prisão: eles seguirão a princípio o primeiro assobio de um ar autoritário. Devemos mudar, antes de mais nada, a mentalidade deles, dar-lhes confiança na liberdade, inspirar novamente o gosto, o desejo de liberdade que existe em quase todos, mas num estado inativo, quase exaurido. Sem isso, eles só cairiam de um sistema autoritário em**

**outro e nós assistiríamos, cada vez mais fracamente, aquele espetáculo que também seria a rotina de nossas esperanças.**

Esta parece-me ser a situação nestas partes da Europa, onde as condições gerais criam situações que não podem durar e que, em qualquer caso, encontrarão um resultado trágico, porque uma revolução, devido ao seu inevitável carácter autoritário, não traria nenhuma mudança feliz. Uma iniciativa libertária global é a única coisa que poderia reprimir o desenvolvimento do autoritarismo em todas as suas linhas de progresso: comunista, fascista, militarista, capitalista e clerical.



Biblioteca Anarquista



Max Nettlau  
Comunismo Autoritário e Comunismo Libertário

@PDF

Titulo Original: *Comunismo autoritario y Comunismo Libertario*. Tradução e Revisão por André  
Tunes @**Consciência Subversiva**

Ela não possui direitos autorais pode e deve ser reproduzida no todo ou em parte, além de ser liberada  
a sua distribuição, preservando seu conteúdo e o nome do autor.

**bibliotecaanarquista.org**